

**COMPORTAMENTO  
VARIÁVEL  
DA FRICATIVA /ʒ/  
NA NORMA CULTA  
FALADA EM  
FORTALEZA-CE**

**COMPORTAMIENTO VARIABLE DE LA FRICATIVA /ʒ/ EN LA NORMA CULTA HABLADA  
EN FORTALEZA-CE**

**VARIABLE BEHAVIOR OF THE FRICATIVE /ʒ/ IN THE CULTURAL NORMS SPOKEN IN  
FORTALEZA-CE**

**Ana Germana Pontes Rodrigues\***

Universidade Estadual do Ceará  
Secretaria de Educação do Estado do Ceará

**Aluiza Alves de Araújo\*\***

Universidade Estadual do Ceará

**Maria Lidiane de Sousa Pereira\*\*\***

Universidade Estadual do Ceará  
Universidade Regional do Cariri

**RESUMO:** Com base nos postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista e da Teoria da difusão lexical, investigamos o comportamento variável da fricativa alveopalatal sonora /ʒ/ em início de sílaba e em amostra de linguagem falada

---

\* Doutora e mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). É professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio pela rede estadual de ensino do estado do Ceará e do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa da UECE. E-mail: anager\_maninha@hotmail.com.

\*\* Doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do curso de graduação em Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da UECE. E-mail: aluizazinha@hotmail.com.

\*\*\* Doutora e mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora do curso de Graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri (URCA) / Unidade Descentralizada de Missão Velha (UDMV). E-mail: lidianep.sousa@gmail.com.

culta de Fortaleza - CE. Objetivamos analisar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre a manutenção de [ʒ] em coocorrência com sua aspiração [h]. Para tanto, selecionamos uma amostra de linguagem falada composta por 18 inquéritos extraídos do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). Em linhas gerais, verificamos que são pertinentes para o fenômeno em foco os grupos de fatores linguísticos Natureza do vocábulo e o Contexto fonológico subsequente. Quanto aos fatores extralinguísticos, o sexo e a faixa etária atuam sobre o comportamento variável de /ʒ/. A partir desses resultados, concluímos que, na amostra de fala deste estudo, a realização da fricativa /ʒ/, em início de sílaba, é um fenômeno variável devidamente influenciado por fatores de ordem interna e externa ao sistema linguístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fricativas. Falar de Fortaleza. Variação.

**RESUMEN:** Partiendo de los postulados teórico-metodológicos de la Sociolingüística variacionista y la Teoría de la difusión léxica, investigamos el comportamiento variable del sonido fricativo alveopalatal /ʒ/ al comienzo de una sílaba y en una muestra de lengua hablada culta de Fortaleza-CE. Nuestro objetivo es analizar el desempeño de factores lingüísticos y extralingüísticos sobre el mantenimiento de [ʒ] en co-ocurrencia con su aspiración [h]. Para ello, seleccionamos una muestra de lengua hablada compuesta por 18 consultas extraídas del Proyecto Portugués Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). En general, encontramos que los grupos de factores lingüísticos pertinentes al fenómeno en cuestión son la naturaleza de la palabra y el contexto fonológico posterior. En cuanto a los factores extralingüísticos, el sexo y el rango de edad actúan sobre el comportamiento variable de /ʒ/. A partir de estos resultados se concluye que, en la muestra de habla de este estudio, la realización de la fricativa /ʒ/, al inicio de una sílaba, es un fenómeno variable influenciado por factores de orden interno y externo al sistema lingüístico.

**PALABRAS CLAVE:** Fricativas. Hablar de Fortaleza. Variación.

**ABSTRACT:** Based on the theoretical-methodological postulates of variationist sociolinguistics and the theory of lexical diffusion, we investigated the variable behavior of the alveopalatal fricative /ʒ/ in the beginning of a syllable and in a sample of cultured spoken language from Fortaleza-CE. We aimed to analyze the performance of linguistic and extralinguistic factors on the maintenance of [ʒ] in co-occurrence with its aspiration [h]. To do so, we selected a sample of spoken language composed of 18 inquiries extracted from the Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). In general, we find that the groups of linguistic factors pertinent to the phenomenon in focus are Nature of the word and the Subsequent phonological context. As for extralinguistic factors, sex and age range act on the variable behavior of /ʒ/. From these results, we conclude that, in the speech sample of this study, the realization of the fricative /ʒ/, in the beginning of a syllable, is a variable phenomenon duly influenced by factors of internal and external order to the linguistic system.

**KEYWORDS:** Fricatives. Speaking of Fortaleza. Variation.

## 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Com base na Sociolinguística variacionista e na Teoria da difusão lexical e mudança sonora, este trabalho aborda o comportamento variável da fricativa alveopalatal sonora /ʒ/ em início de sílaba, a partir de uma amostra de linguagem falada culta<sup>2</sup> representativa da cidade de Fortaleza - CE. Em linhas gerais, o fenômeno variável estudado aqui apresenta três variantes linguísticas. Ou seja: o segmento /ʒ/ pode ocorrer como uma fricativa alveopalatal sonora: “[ʒ]á”<sup>3</sup> (*manutenção*); como uma fricativa glotal surda: “[h]á” (*glotalização, aspiração* ou *reifificação*)<sup>4</sup> e pode sofrer, ainda, o *apagamento* [Ø].

<sup>1</sup> Este artigo é parte da tese de doutorado de Rodrigues (2018) defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A elaboração deste estudo contou com o apoio financeiro da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Usamos o termo culto para referir o conjunto de fenômenos variáveis que fazem parte da língua verdadeiramente usada por sujeitos com ensino superior completo e que tendem a possuir fácil ou amplo acesso a bens sociais prestigiados economicamente. Essa compreensão prevalece no âmbito dos estudos linguísticos até os dias de hoje e foi estabelecida, basicamente, no âmbito do Projeto Norma Urbana Oral Culta (doravante NURC) (PRETI, 1999).

<sup>3</sup> Ocorrências extraídas da amostra deste trabalho.

<sup>4</sup> No contexto dos estudos variacionistas acerca do comportamento variável de fricativas, os termos *glotalização, aspiração, reifificação* e *enfraquecimento* são usados como sinônimos.

Diante desse fenômeno bem como do fato de não termos notícias de nenhum outro estudo recente acerca do comportamento variável da fricativa /ʒ/ em amostra do falar culto fortalezense, resolvemos investigá-lo, a fim de lançar luz aos seguintes questionamentos: (a) Qual variante é mais frequente na amostra deste trabalho? (b) Quais fatores linguísticos favorecem o comportamento variável da fricativa /ʒ/ no contexto desta investigação? (c) Quais fatores extralinguísticos favorecem o comportamento variável da fricativa /ʒ/ na amostra desta pesquisa?<sup>5</sup>

Haja vista o levantamento de tais questões, objetivamos, portanto, identificar a variante mais frequente na amostra deste trabalho e analisar o papel dos fatores linguísticos (internos ao sistema) e extralinguísticos sobre a realização variável de /ʒ/ em amostra de linguagem culta cearense à luz da Sociolinguística variacionista e da Teoria da difusão lexical. Para tanto, selecionamos 18 inquéritos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (doravante DID), extraídos do banco de dados do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (doravante PORCUFORT), sobre o qual tornaremos a falar na seção dedicada aos procedimentos metodológicos da pesquisa.

Em termos de organização, dividimos este artigo em seis seções. De início, temos esta *Introdução* na qual apresentamos o fenômeno variável estudado, as questões e os objetivos do trabalho. Na sequência, temos a seção da *Fundamentação teórica* em que discutimos alguns dos postulados elementares defendidos pela Sociolinguística variacionista e pela Teoria da difusão lexical. Temos, ainda, uma seção na qual apresentamos alguns dos principais achados de outros estudos<sup>6</sup> variacionistas acerca da variação no uso das fricativas em outras localidades do Brasil. Já na seção dedicada aos *Procedimentos Metodológicos* da pesquisa, descrevemos o *corpus*, a amostra de fala, as variáveis e as hipóteses iniciais. Na seção *Resultados*, apresentamos e discutimos os resultados obtidos com a pesquisa. Por fim, tecemos *Algumas Considerações*.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Considerado o precursor da Sociolinguística variacionista, Labov (2008 [1972]) criou um modelo de análise linguística pautado no estudo da relação entre língua e sociedade, considerando o caráter heterogêneo e sistemático da variação na língua. Esse modelo explica como uma estrutura linguística de uma dada comunidade apresenta diferentes maneiras para sua realização (estudo das formas variantes) e como esse sistema é modificado ao longo do tempo, de maneira que, tanto a língua como a comunidade, em algum sentido, não se modificam, porém, a língua adquire uma forma diferente. Assim, para essa perspectiva, língua e sociedade devem sempre ser estudadas em situações reais de interação.

Nos estudos variacionistas, é muito comum lidarmos com uma grande quantidade de ocorrências de um fenômeno variável específico, o que exige um tratamento estatístico dos dados coletados (TARALLO, 2001). Por esse motivo, essa corrente de estudos também é denominada de sociolinguística quantitativa (LABOV, 2008 [1972]). Os resultados obtidos nesse tipo de análise propiciam a formulação de regras linguísticas pautadas na gramática natural da língua, pois o favorecimento de uma ou de outra forma variante (formas diferentes de dizer a mesma coisa do ponto de vista linguístico) é resultado de motivações internas ou externas ao sistema e adequadas à aplicação de uma determinada regra. Assim, pode-se dizer que a Sociolinguística variacionista opera com um sistema linguístico de probabilidades. Segundo Naro (2004), essa teoria se propõe a avaliar o *quantum* com que cada categoria em análise pode contribuir ou não para a realização de uma ou outra variante das formas “em competição”.

O ponto de partida da investigação variacionista é a comunidade linguística constituída por indivíduos que compartilham traços linguísticos diferentes de outros grupos; têm uma frequência de comunicação alta entre si e apresentam as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem (GUY, 2001). Logo, os indivíduos refletem em sua fala as influências a que estão submetidos dentro da sociedade. Para a investigação dos aspectos sociolinguísticos da comunidade de fala fortalezense, utilizamos o seguinte método

<sup>5</sup> Para cada um desses questionamentos, levantamos, também, algumas hipóteses que serão apresentadas na seção dos *Procedimentos metodológicos*. Nessa mesma seção, apresentaremos os grupos de fatores testados na pesquisa.

<sup>6</sup> A consideração desses estudos se faz pertinente tendo em vista o fato de que os retomamos a fim não somente de nos embasarmos teoricamente, mas também de comparar, na medida do possível, os resultados obtidos em pesquisas anteriores e realizadas com base em diferentes amostras de fala com os achados deste estudo acerca do comportamento variável de fricativas no português brasileiro (doravante PB).

de investigação, também baseado nos postulados da Sociolinguística variacionista: *pesquisa em tempo aparente*, isto é, realizamos um estudo feito a partir de um recorte temporal promovido pelo pesquisador que analisa dados de uma comunidade estratificada em faixas etárias, em nosso caso específico, a partir do que foi estabelecido no Projeto PORCUFORT. Para discutir os resultados obtidos com esses dados, o pesquisador deve fazer uma análise qualitativo-interpretativa dos fatores associados ao fato linguístico, conforme procedemos na seção dos *Resultados*.

### 3 A TEORIA DA DIFUSÃO LEXICAL

O modelo de difusão lexical proposto por Chen e Wang (1975) investiga a mudança sonora a partir de sua implementação e o que a fez acontecer (*actuation*). Em seu primeiro momento, os estudos nesse campo foram realizados a partir de dados históricos do chinês (21 dialetos), do inglês e do sueco. Segundo os autores, a “mola mestra” de uma mudança sonora estaria nos componentes fisiológicos e perceptuais dos falantes e sua implementação dar-se por difusão lexical. Chen e Wang (1975) sugerem o que determinaria o padrão, a direção e o ritmo da mudança sonora: “É pelo menos plausível suspeitar que a resposta possa ser encontrada nas propriedades físicas dos sons da fala.” (CHEN; WANG, 1975, p. 270). A respeito da “mola mestra”, os autores propõem que sejam “principalmente as propriedades concretas e fonéticas dos sons da fala que acionem ou permitam que as mudanças ocorram no sistema de som e determinem seu desenvolvimento subsequente.” (CHEN; WANG, 1975, p. 278). É importante ressaltar que as “propriedades fonéticas” às quais os autores se referem não dizem respeito ao contexto fonético em si, mas sim às propriedades inerentes aos sons individuais que são de natureza fisiológica e perceptual. Desse modo, uma vez que se concretize essa mudança, ela seria implementada lexicalmente. Com base nos resultados da pesquisa que fizeram, Chen e Wang (1975) constataram que a regra variável analisada se propaga gradualmente no léxico, afetando, inicialmente, itens mais relevantes até que todo o léxico seja atingido.

Para determinar quais itens seriam mais atingidos, Phillips (1984) propõe que a frequência seria um fator importante para isso. Com base na afirmação de que a mudança é motivada por fatores fisiológicos, atuando nas formas fonéticas de superfície, ela atingiria, primeiro, as palavras mais frequentes, porém, caso a mudança não seja fisiologicamente motivada, são as palavras menos frequentes que são atingidas primeiro. Do primeiro tipo, seriam os fenômenos da redução vocálica, assimilações e cancelamentos de segmentos; do segundo, seriam as mudanças que se originam na “esfera conceitual da linguagem [...]” (PHILLIPS, 1984, p. 336-7), agindo sobre as “formas subjacentes” que estariam relacionadas à analogia, ou seja, à tentativa que o indivíduo faz de regularizar itens com o objetivo de estabelecer as relações entre som e significado.

Esse tipo de análise condiz com o conceito de indivíduo proposto por Labov (2008 [1972]), ao assumir uma postura conciliadora acerca do modelo neogramático e o da difusão lexical para o fenômeno da mudança linguística. De acordo com o autor, existem situações em que o primeiro é aplicável e que, também, certas mudanças são de natureza do segundo. Assim, examinar “as condições sob cada um dos pontos de vista opostos é válido” (LABOV, 1981, p. 268). Segundo Labov (1981), são exemplos de situações em que o modelo neogramático é aplicado: o alteamento de (ohr) e (oy), a anteriorização (*fronting*) de (uw) e (ow) e outros, no inglês. Nesses casos, não seria possível provar que o mecanismo fundamental selecionaria palavras individuais. Por outro lado, o caso de cisão do ‘a breve’ necessitaria da explicação do modelo da difusão lexical. Portanto, para Labov (1981), “Todo o conjunto de variações sonoras, sem dúvida, mostrará muitas combinações intermediárias dessas propriedades discretas, abstratas, condicionamentos gramaticais e condicionamentos sociais (LABOV, 1981, p. 304).

### 4 ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS SOBRE A VARIAÇÃO DE FRICATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção, apresentaremos alguns trabalhos que seguiram uma metodologia de base sociolinguística e que apresentaram resultados relevantes a respeito da glocalização de /ʒ/ em início de sílaba, a saber: Roncarati e Uchoa (1988), Canovas (1991) e Pelicioli (2008).

Roncarati e Uchoa (1988) estudaram a aspiração e o apagamento das fricativas /v/, /z/ e /ʒ/ na fala cearense<sup>7</sup>, procurando determinar o seu contexto linguístico e pragmático, medindo, também, o nível de estigmatização do fenômeno, através de um teste de atitudes linguísticas. Os autores consideram que o fenômeno pode ser mais bem explicado à luz do difusionismo lexical<sup>8</sup>. Esses dados foram baseados em uma pequena amostra com 10 falantes moradores de Fortaleza: 6 homens e 4 mulheres, com escolaridade de Ensino Fundamental e Ensino Médio e uma informante analfabeta. A faixa etária é dividida entre criança (uma de 10 anos), adolescentes (um de 14 e outro de 15 anos), jovens (um de 21, outro de 22 e um de 24 anos) e adultos (um de 38, dois de 40 e um de 42 anos).

O resultado geral das ocorrências foi de 4.066 realizações plenas (manutenção das fricativas) e 449 aspirações (11,04%). Quanto ao efeito do enfraquecimento em cada uma das fricativas, os resultados foram: em /z/, 16,11% (284/1763)<sup>9</sup>, e, em /ʒ/, 12,88% (60/466). Quanto aos fatores sociais, os resultados apontaram que a aspiração é mais frequente entre os falantes jovens (0,79)<sup>10</sup> e adultos (0,70), os das séries iniciais do Ensino Fundamental (0,84), os do sexo<sup>11</sup> masculino (0,54) e os pertencentes à classe baixa (0,63). Quanto à escolaridade, os resultados mostram que, para a glotalização, os analfabetos apresentam (0,45 – 42/46); séries iniciais do Ensino Fundamental (0,78 – 99/130), séries finais do Ensino Fundamental (0,30 – 161/235) e Ensino Médio (0,42 – 68/97); quanto à classe social, os resultados para a glotalização foram: classe baixa (0,55 – 235/306) e classe média (0,44 – 135/202). Quanto ao sexo, os resultados obtidos foram: homens (0,30 – 207/331) e mulheres (0,69 – 163/177); quanto à idade, os dados apontam: criança (0,85 – 25/26), adolescentes (0,28 – 3/5), jovens (0,38 – 149/212) e adultos (0,40 – 193/265). Roncarati e Uchoa (1988) concluem que “entre os falantes de sexo masculino, mais jovens e menos escolarizados está sendo registrada uma tendência para enfraquecer segmentos.” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 18).

Os fatores linguísticos inicialmente analisados para as duas fricativas, ao mesmo tempo, foram: distância de tonicidade e qualidade vocálica. Quanto ao primeiro, com /ʒ/, nenhuma das distâncias tônicas antecedentes foi considerada estatisticamente relevante e, da tônica seguinte, as distâncias 3 (0,60) e 5 (0,93) foram relevantes. Quanto à qualidade vocálica, com /ʒ/, em posição intervocálica, há um maior índice de enfraquecimento (0,85 – 4/8), como em “Eu fiquei [h]á acreditando”, já a vogal /a/, tanto antes (0,53 – 23/158) quanto depois (0,82 – 31/120) ou antes e depois (0,79 – 7/17), é novamente relevante para o enfraquecimento, como em “aí a [h]ente”, “ele [h]á quer” e “o cara [h]á tá”. A vogal /ê/, por sua vez, obteve um índice de 0,71 (17/102). Separadamente, o fator linguístico relevante para /ʒ/ foi a variável posição do segmento, sendo o fator favorável o início de palavra, como em “Ela [h]á tá é” e “a [h]ente”.

Esses resultados fizeram com que Roncarati e Uchoa (1988) buscassem medir o nível de usualidade, associando-o ao grau de favorecimento ou não do enfraquecimento. Como a hipótese inicial dos autores previa que os fatores que condicionavam o fenômeno seriam de natureza discursivo-pragmática e lexical, Roncarati e Uchoa (1988) utilizaram grupos de fatores que permitiram isolar o efeito do léxico e dos condicionantes discursivos. Para fazer esse levantamento lexical, os autores incluíram, além das 10 entrevistas: uma entrevista de IMP (Interação Médico-Paciente), gravada no Instituto Psiquiátrico do Ceará, com 3 participantes, e mais 4 gravações de falantes do interior, pertencentes ao Projeto ALECE (Atlas Linguístico do Ceará). Os falantes do interior possuíam as seguintes características: três mulheres, uma de 41 anos, da classe alta; outra, de 9 anos, da classe baixa; e a terceira, de 46 anos, da classe média; e um homem, de 45 anos, também da classe média<sup>12</sup>.

<sup>7</sup> Como se trata de um trabalho bastante semelhante ao nosso, a metodologia e os resultados serão mais detalhados do que os das outras pesquisas.

<sup>8</sup> Em linhas gerais, o difusionismo lexical privilegia o controle lexical e desloca o foco da mudança da unidade fonológica para a unidade morfolexical, prevendo o afetamento gradual do léxico (RONCARATI, 1999).

<sup>9</sup> Quer dizer: de 1.763 dados encontrados, 284 foram de ocorrências aspiradas.

<sup>10</sup> Esse número corresponde ao peso relativo - medida probabilística empregada para o cálculo do efeito de um fator condicionante. Tornamos a tratar esse conceito na seção dos *Procedimentos Metodológicos*. Em alguns estudos, essa separação está com ponto-final, em outros com vírgula, sempre obedecendo à forma como aparece nos trabalhos originais.

<sup>11</sup> Aqui, o uso do termo ‘sexo’ é feito com base nos trabalhos originais.

<sup>12</sup> Os níveis de escolaridade não são especificados, apenas o da mulher de 46 anos, que possuía o 1º grau (atualmente, Ensino Fundamental) incompleto.

Os autores consideraram como itens “mais frequentes” aqueles que seriam produzidos pela totalidade dos falantes da amostra e aqueles que fossem muito frequentes no léxico de um falante, incluindo o seu uso interiorano ou cidadão<sup>13</sup>, distinguindo um caso do outro. Além disso, Roncarati e Uchoa (1988) elaboraram uma espécie de verbete para cada item lexical, contendo suas realizações plenas (manutenção), enfraquecidas e apagadas. Ao final, foi organizado um dicionário para cada fricativa analisada (/v/, /ʒ/ e /z/) e foi feito um cálculo das frequências globais dos informantes.

Em relação à usualidade da amostra, os autores fizeram uma classificação dos itens lexicais, relativamente ao seu uso na língua, em três grupos: a) formas que não dependem de um tópico específico, registro de linguagem ou grupo social, como: vocábulos gramaticais (“mais”, “já”, “mesmo”), verbos auxiliares de tempo, voz, aspecto e modo, a pró-forma “a gente” e as palavras vicárias “jeito”, “coisa” e “gente”; b) formas que dependem de assunto específico, mas não de registro ou grupo social, por pertencerem ao léxico comum de qualquer falante ou das experiências habituais de cada um, como “casa” e “hoje”; c) formas que dependem de registro ou grupo social, pelo fato de serem mais específicas, sendo pouco conhecidas ou usadas por indivíduos de outros grupos, como: “basear” (não gíria), “desacreditado”, “fase”, “resumido”; “junção”, “estágio”, “dirigente”, “invejável”.

Dentre os resultados desse levantamento lexical, a fricativa /ʒ/ teve o percentual, na amostra básica, de 81,56% (593/777) de realização e 9,90% (72/727) de enfraquecimento; na IMP, foi 43,75% (14/32) de realização plena e 56,25% (18/32) de enfraquecimento; e no ALECE, foi 31,31% (62/198) de realização plena e 62,62% (124/198) de enfraquecimento.

Em seguida, Roncarati e Uchoa (1988) fizeram o cruzamento entre os condicionantes linguísticos com o levantamento lexical. Entretanto, os autores não expuseram todos os pesos relativos referentes a essa rodada. Com /ʒ/, o programa selecionou as seguintes variáveis (nesta ordem): vogal seguinte (/a/), falantes do Ensino Fundamental I, falantes de classe baixa, falantes de sexo masculino e distância 1 da tonicidade seguinte. A fricativa /ʒ/ tem como item lexical mais usual com segmento enfraquecido no início de vocábulo o advérbio “[h]á” (já). O pronome *a gente* ocupa o primeiro lugar na amostra dos interioranos, e o segundo nas duas outras amostras.

Quanto à correlação entre relevância informacional e usualidade, verifica-se que o enfraquecimento se dá mais entre os morfemas gramaticais e não entre os morfemas lexicais, portadores de conteúdo informacional. Quanto à hipótese de que quanto menor o nível de formalidade maior seria o enfraquecimento, os autores não a confirmaram no *corpus* analisado, mas sugeriram que ela fosse testada novamente em outros estudos.

Canovas (1991) analisa, no falar de Salvador, a realização de /S/ pós-vocálico e de /v, z e ʒ/ em ataque silábico. Sua amostra constituiu-se de 45 informantes, distribuídos da seguinte forma: escolaridade (Ensinos Fundamental, Médio e Superior) e idade (13-20, 21-45 e 46-70 anos). A autora não levou em consideração a variável sexo por constatar que, em seus dados (assim como na maioria de outros estudos linguísticos), as mulheres tendem a apresentar um comportamento linguístico conservador. Portanto, o sexo do informante só foi determinado para informar mais uma característica dele. As gravações foram feitas pela pesquisadora e tinham um caráter semi-informal. Além dessas, Canovas (1991) também coletou entrevistas de TV de 79 informantes (sendo apenas 8 mulheres) de Ensino Superior, com idade entre 25 a 60 anos, em situações de fala formal. Quanto aos fatores linguísticos, em /v/, /ʒ/ e /z/, a autora aponta que o processo de enfraquecimento se encontra em fase embrionária. O uso da manutenção é quase unânime, com 4,13% de uso da variante aspirada (72/1744).

Sobre as variáveis sociais, a autora afirma que os falantes da faixa etária mais avançada (de 46 a 70) são os que mais realizam a variante aspirada (4,05% ou 25/617), seguidos dos de 21 a 45 anos (3,42% ou 21/613) e dos de 13 a 20 anos (2,33% ou 12/514). Portanto, a aspiração vem ocorrendo em todas as idades, e o apagamento ocorre mais entre os mais jovens. Por fim, Canovas (1991) também afirma que, mesmo diante de uma situação mais tensa (entrevistas pela TV), não há inibição da pronúncia aspirada.

<sup>13</sup> Exemplos: ca[h]alo (interiorano) e [h]ente e esta[h]a (cidadãos) (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 58).

Ainda em Salvador e treze anos depois, Pelicioli (2008) trata, especificamente, da aspiração das fricativas /S/ e /z/ em amostra de fala representativa dessa cidade. O *corpus* de sua pesquisa foi constituído por 8 inquéritos experimentais do projeto Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB), distribuídos igualmente entre faixa etária (I – 20 a 30 anos; II – 46 a 61 anos), sexo e nível de escolaridade (fundamental e universitário). Os dados que foram submetidos ao Varbrul foram apenas os correspondentes à posição do /S/ em coda silábica. A aspiração em ataque silábico, que não fora rodada no Varbrul, obteve, dos 171 dados encontrados: 58% de ocorrência com a fricativa palatal /ʒ/, sendo “[h]ente” o item lexical mais frequente (77%: 76/99), e “[h]á” o segundo mais frequente, com 17 ocorrências (17%). Nas variáveis sociais, há uma inversão do que ocorreu em coda silábica: os informantes da faixa II, de nível universitário e do sexo feminino realizaram mais a aspiração do que os da faixa I, de nível fundamental e do sexo masculino. No entanto, o autor não divulgou os percentuais para as variáveis sociais nesse estudo. Portanto, Pelicioli (2008), assim como Canovas (1991), constata que, em Salvador, a aspiração não constitui um indicador linguístico, visto que possui uma distribuição regular nos grupos socioeconômicos e etários.

Nesses breves comentários acerca de estudos anteriores sobre a realização variável de fricativas no PB, é possível verificar que tanto fatores linguísticos como extralinguísticos têm influência sobre o fenômeno. Sobre o Ceará, constatamos, ainda, que há uma predominância de fatores linguísticos associados a fatores sociais e diatópicos, fato que caracteriza a realização variável de fricativas como uma marca regional (ARAGÃO, 2009).

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS<sup>14</sup>

### 5.1 O CORPUS E A AMOSTRA

Para a análise variacionista, utilizamos uma amostra de linguagem falada constituída por 18 inquéritos do tipo DID que foram extraídos do acervo sonoro do Projeto PORCUFORT. Em linhas gerais, o PORCUFORT foi desenvolvido com o apoio da Universidade Estadual do Ceará e trata-se de um banco de dados coletados sob a coordenação do prof. Dr. José Lemos Monteiro, de agosto de 1993 a setembro de 1995, cujas técnicas e métodos baseiam-se no Projeto NURC. Assim, os informantes do PORCUFORT possuem, necessariamente, ensino superior completo e estão estratificados em três faixas etárias (Faixa I: 22-35 anos; Faixa II: 36-50 anos; Faixa III: 51 em diante); dois sexos (homens e mulheres) e três tipos de inquéritos (DID; Diálogo entre 2 informantes (D2) e Elocução Formal (EF)).

Mesmo o PORCUFORT sendo um banco de dados com 25 anos de idade, ainda assim decidimos trabalhar com seus dados, porque, na época de nossa coleta de dados, não havia disponível outro banco com as características do PORCUFORT. Assim, esta base de dados possibilita a elaboração de fotografias sociolinguísticas de uma geração de fortalezenses.

Para sua elaboração, o PORCUFORT teve como principal objetivo documentar e descrever o português culto falado na cidade de Fortaleza. Esse projeto possui um total de 62 inquéritos. Quanto ao perfil social dos informantes, Araújo (2011) esclarece que: são fortalezenses natos ou vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; – possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos; mantém residência fixa na capital cearense (ARAÚJO, 2011).

De acordo com Labov (2008 [1972]), os sistemas fonológicos exibem o mais alto grau de estrutura interna de todos os sistemas linguísticos e, com isso, oferecem ao pesquisador uma extensa série de resultados paralelos e convergentes (LABOV, 2008 [1972]). Assim, por trabalharmos com um fenômeno de natureza fonético-fonológica, em poucos minutos de audição, obtivemos uma grande quantidade de dados. Por isso, ouvimos três informantes por célula do PORCUFORT, conforme o Quadro 1:

<sup>14</sup> A realização desta pesquisa foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), sob parecer de nº. 984.666. Além disso, este estudo é parte dos trabalhos desenvolvidos no Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) vinculado ao Programa de Pós-Graduação da UECE/Centro de Humanidades (CH).

	Sexo	
	Masculino	Feminino
<b>Registro</b>	DID	DID
<b>Faixa etária</b>		
22 a 35 anos	3	3
36 a 50 anos	3	3
51 em diante	3	3

**Quadro 1** : Distribuição dos informantes da amostra segundo o sexo e a faixa etária

**Fonte:** Elaborado pelas autoras com base em Araújo (2000, p. 43).

Conforme sinalizamos anteriormente, a amostra do PORCUFORT é constituída por jovens recém-graduados que estavam, na época da elaboração do Projeto, tentando ingressar no mercado de trabalho ou que tinham ingressado pouco tempo antes da entrevista; adultos maduros, que já exerciam plenamente a sua atividade profissional, e sujeitos aposentados ou em final de carreira (ARAÚJO, 2000).

## 5.2 VARIÁVEIS TESTADAS

A variável dependente<sup>15</sup> desta pesquisa compreende, conforme pontuamos de início, o comportamento variável da fricativa alveopalatal sonora /ʒ/ em início de sílaba, apresentando três formas variantes (manutenção, glotalização e apagamento). Com a análise dessas formas variantes, procuramos responder ao primeiro questionamento deste estudo, isto é: qual variante tende a ser mais usada na amostra desta pesquisa? Importante destacar que, em relação às variantes estudadas, nossa expectativa é a de que a forma correspondente à manutenção de /ʒ/ ocorra com maior frequência, pois estamos lidando com uma amostra de linguagem tida como culta. A esse respeito, lembramos que, no âmbito dos estudos da linguagem, diversas pesquisas têm mostrado que formas linguísticas mais próximas do padrão normativo<sup>16</sup> (caso da manutenção) tendem a ser mais usadas em variedades tidas como cultas (LUCCHESI, 2002; FARACO, 2008; FARACO; ZILLES, 2017).

Para analisar o comportamento variável da fricativa /ʒ/ a fim de identificarmos quais fatores extralinguísticos e linguísticos atuam sobre suas variantes (manutenção, glotalização e apagamento) em início de sílaba, consideramos as variáveis extralinguísticas: *Sexo* (masculino e feminino) e *Faixa etária* (22-35; 36-50; 51 anos em diante). Com o controle da variável *Sexo*, nossa expectativa inicial é a de que os homens se mostrem favoráveis ao uso da variante glotalizada [h], enquanto as mulheres beneficiam a manutenção de [ʒ]. Como justificativa para essas hipóteses iniciais, lembramos que muitos estudos variacionistas apontam que as mulheres tendem a preferir formas linguísticas mais próximas do padrão normativo. Quanto à observação da *Faixa etária*, esperamos, de início, que os falantes mais velhos beneficiem o uso da manutenção de [ʒ], enquanto os mais jovens favoreçam a variante glotalizada [h], haja vista o fato de que os falantes mais velhos tendem a preservar em seu comportamento linguístico formas linguísticas mais próximas do padrão normativo (RONCARATI; UCHOA, 1988; CANOVAS, 1991; LABOV, 2008 [1972]; PELICIOLI, 2008). Com o controle das variáveis extralinguísticas, procuramos, portanto, responder ao segundo questionamento deste estudo: Quais fatores extralinguísticos favorecem o comportamento variável da fricativa /ʒ/, na amostra desta pesquisa?

<sup>15</sup> Para a Sociolinguística variacionista, a variável dependente figura como o lugar da língua que apresenta variação e recebe esse nome tendo em vista que as variantes que a compõem não ocorrem de modo aleatório, mas sim por meio da influência de fatores de ordem interna ou externa ao sistema linguístico, daí o uso do termo dependente (LABOV, 2008; MOLLICA, 2004).

<sup>16</sup> A expressão 'padrão normativo' é usada para referir o modelo de língua imposto pela tradição normativa por meio das Gramáticas Tradicionais (doravante GT).



Para testar a influência de fatores linguísticos sobre o comportamento variável de /ʒ/, consideramos os seguintes grupos fatores: *Contextos fonológicos precedente e Subsequente*; *Tonicidade*, *Dimensão do vocábulo* e *Natureza do vocábulo*. Sobre os *Contextos fonológicos precedente e Subsequente*, o estudo de Roncarati e Uchoa (1988) mostra que eles podem exercer forte influência sobre o comportamento variável de fricativas. Assim, esperamos que, também na amostra desta pesquisa, esses grupos sejam selecionados como estatisticamente pertinentes e nos apontem quais segmentos precedentes ou subsequentes atuam sobre a realização variável de /ʒ/ em amostra de linguagem culta fortalezense. Sobre a *Tonicidade*, sabemos que as pesquisas, a exemplo de Canovas (1991), têm revelado que as sílabas tônicas, por possuírem um traço mais saliente, são mais suscetíveis a variações. Assim, lançamos mão dessa mesma hipótese. A variável *Dimensão do vocábulo* foi analisada para verificar se a extensão do vocábulo (Monossílabo, Dissílabo e Trissílabo ou maior) exerce alguma influência sobre o fenômeno. A maior parte das pesquisas aponta que quanto mais extenso for o vocábulo, maior será a glocalização (MARQUES, 2001; ALENCAR, 2007; SANTOS, 2012).

Testamos, ainda, a variável *Natureza do vocábulo*, acreditando que ela pode influenciar o comportamento variável de /ʒ/. Para elencar os fatores dessa variável, levamos em consideração a postura de Câmara Júnior (2011) a respeito da classificação dos vocábulos formais em língua portuguesa, separando-as em: Nomes, Verbos, Conectivos e Pronomes. Além delas, alocamos, como fatores diferentes, os vocábulos considerados Usuais, tanto pela literatura quanto pelo que constatamos nos inquéritos selecionados aqui. Ainda sobre a variável *Natureza dos vocábulos*, cabe pontuar que as pesquisas de Roncarati e Uchoa (1988), Santos (2009) e Alencar (2007) também verificaram a influência dessa variável sobre o comportamento de fricativas e consideraram como itens comuns ou usuais (aqueles cuja probabilidade de ocorrer com a variante aspirada é bastante alta), como por exemplo: “já”, “gente” (= pessoas). A esses, acrescentamos vocábulos que apareceram acima de 50 vezes na amostra. Portanto, neste estudo, para ser *vocábulo usual*, levamos em consideração o número de vezes (superior a 50) em que esse vocábulo apareceu, independente de ele ocorrer na forma glocalizada ou não. Ressaltamos que, com o controle dos grupos de fatores linguísticos, procuramos lançar luz ao terceiro e último questionamento levantado para este trabalho: Quais fatores linguísticos favorecem o comportamento variável da fricativa /ʒ/, no contexto desta pesquisa?

### 5.3 FERRAMENTA E ANÁLISE ESTATÍSTICA

Para analisarmos quantitativamente os dados do PORCUFORT, tomamos como base o sistema logístico proposto por Sankoff e Pintzuk, em 1988, conhecido como VarbRul (do inglês *Variable Rules Analysis*). O VarbRul serve para medir, dentre outras coisas, os efeitos das variáveis independentes (intralinguísticas e extralinguísticas) sobre a variável dependente, objeto de nossa investigação (manutenção, glocalização e apagamento de /ʒ/). A partir desse modelo logístico, a média do grupo de fatores é ponderada pelo número de dados empíricos de que se dispõe para cada fator com o objetivo de evitar que fatores que apresentam poucos dados tenham maior influência no cálculo (NARO, 2004).

Para o ambiente Windows, o pacote VarbRul tem a versão GoldVarb X, utilizada na presente pesquisa (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Esse programa nos forneceu o número de ocorrências das variantes analisadas para cada fator, o percentual de aplicação da regra e o chamado peso relativo (P.R.). Sobre este último, Guy e Zilles (2007, p. 211) explicam que “o efeito [...] pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo”.

## 6 RESULTADOS

### 6.1 VARIAÇÃO DE /ʒ/ EM DADOS DO PORCUFORT: VISÃO GERAL DOS DADOS

Para este estudo, obtivemos 2.495 ocorrências de /ʒ/ e suas variantes em início de sílaba. Desse total, 2.133 (85,49%) foram de manutenção de /ʒ/, 280 (11,22%) de glocalização [h] e 82 (3,29%) de apagamento [Ø], conforme os dados do Gráfico 1.

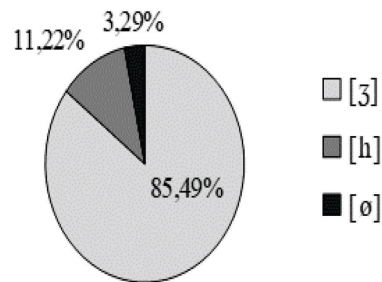


Gráfico 1: Visão geral da distribuição das variantes na amostra

Fonte: Elaborado pelas autoras

Com esses dados, verificamos que a maior parte dos dados compreende a manutenção de [ʒ]. Esse resultado confirma, portanto, nossa expectativa inicial em relação ao comportamento das variantes estudadas, pois tendo em vista que a amostra deste estudo é representativa da variedade culta falada em Fortaleza, esperávamos mesmo que a manutenção ocorresse com maior frequência. De todo modo, o percentual da forma glotalizada [h] também se mostrou significativo para o estudo do fenômeno variável investigado aqui. Afinal, se comparado com outras pesquisas, vemos que o percentual de uso obtido para a glotalização, neste trabalho, se aproxima muito do percentual de uso dessa mesma forma variante encontrado em outras pesquisas de cunho sociolinguístico (RONCARATI; UCHOA, 1988; CANOVAS, 1991).

Mais adiante, retomamos estas questões discutindo de modo mais aprofundado o que o percentual de uso para a forma glotalizada pode significar e onde exatamente acontece a sua maior atuação. É importante ressaltar que buscamos, na medida do possível e com ressalvas, conciliar a Sociolinguística variacionista com a Teoria difusão lexical, sendo que o modelo metodológico utilizado na coletada de dados foi de natureza variacionista, e a discussão dos resultados seguiu uma linha de abordagem difusionista (cf. OLIVEIRA, 1992; 1997; CHEN; WANG, 1975).

## 6.2 A VARIAÇÃO DE /ʒ/ EM AMOSTRA DO PORCUFORT: GLOTAIZAÇÃO VERSUS MANUTENÇÃO

Tendo em vista que o percentual de uso da variante referente ao apagamento de /ʒ/ (3,29%) ficou bem abaixo de 10% dos casos, resolvemos realizar uma análise mais ‘refinada’, a fim de melhor analisarmos o comportamento das variantes referentes à manutenção [ʒ] e à glotalização [h]. Para isso, descartamos todos os casos de apagamento. Em uma primeira rodada, trabalhamos com 2.413 ocorrências do fenômeno investigado. Desse total, 2.133 (88,4%) dos casos foram de manutenção [ʒ] e 280 (11,6%), de glotalização [h]. No entanto, obtivemos alguns nocautes<sup>17</sup>: *Contexto fonológico precedente* em [e], contendo uma única ocorrência de manutenção (“em [ʒ]uazê(i)<sup>18</sup>ro do Norte – Inq. 24); *Contextos fonológicos subsequentes* em [o], [ø] e [u], contendo, respectivamente, 40 casos de manutenção (Ex.: “arran[ʒ]o(u)” – Inq. 106), 74 (Ex.: “adulto [ʒ]ovem” – Inq. 50) e 120 (Ex.: “ca[ʒ]u” – Inq. 50) e *Natureza do vocábulo*, com os conectivos, contendo 6 ocorrências<sup>19</sup>, também apenas para a manutenção. Após eliminarmos esses nocautes, passamos a analisar 2.173 dados, dos quais 1.893 (87,1%) foram de manutenção [ʒ] e 280 (12,9%) de glotalização [h].

Para efeito de comparação<sup>20</sup>, embora ressaltando que os *corpora* tenham sido formados com base em critérios diferentes, observamos que, no estudo de Roncarati e Uchoa (1988), na amostra composta apenas por fortalezenses, foram registradas, de um total de 466 dados, 60 (12,88%) realizações glotalizadas – percentual bastante próximo ao que encontramos nesta pesquisa. Em

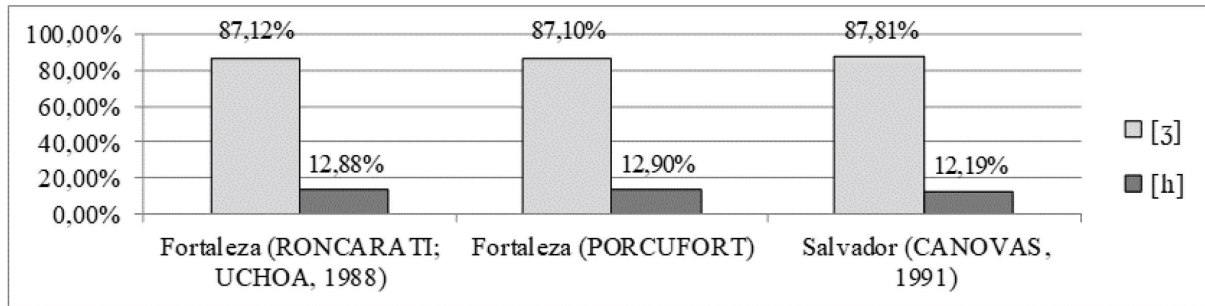
<sup>17</sup> Os nocautes são entendidos como um problema para as análises estatísticas fornecidas pelo GoldVarb X, pois implicam dizer que, em um dado contexto, o uso de uma determinada variante foi categórico, ou seja, não houve variação (GUY; ZILLES, 2007).

<sup>18</sup> Nos exemplos citados, o fonema que está dentro dos parênteses foi colocado apenas para facilitar a leitura, mas ele não fora pronunciado pelo informante durante a gravação.

<sup>19</sup> São elas: “credencio(u) [ʒ]unto a” (Inq. 46); “...[ʒ]unto ao” (Inq. 46); “...[ʒ]unto a” (Inq. 46); “...[ʒ]unto a” (Inq. 01).

<sup>20</sup> Para a variação de /ʒ/ em início de sílaba, só podemos fazer comparação de resultados com três trabalhos – Roncarati e Uchoa (1988), Canovas (1991) e Pelicoli (2008) – e apenas quando essas pesquisas analisaram as mesmas variáveis que serão consideradas neste estudo. Pelicoli (2008), no entanto, não revelou quantos dados de manutenção obteve com /ʒ/. Por isso, não pudemos fazer um comparativo geral dos percentuais com o estudo dele.

Salvador - BA (CANOVAS, 1991) – onde também foi feita uma análise separada para o contexto de início de sílaba com /3/ – o percentual de glotalização (12,19%) também se aproximou dos resultados obtidos aqui. Essa breve comparação pode ser mais bem visualizada no Gráfico 2.



**Gráfico 2:** Comparação dos percentuais da variação de /3/ encontrados em Fortaleza (RONCARATI; UCHOA, 1988), em Salvador (CANOVAS, 1991) e em Fortaleza (no PORCUFORT para este estudo)

**Fonte:** Elaborada pelas autoras

Na rodada sem os nocautes, o melhor nível de análise selecionado pelo GoldVarb X foi o *step up 29* (*input* 0,061, significância 0,000 e *log likelihood* -656,317). Essa rodada apontou como grupos relevantes (nesta mesma ordem de importância): a *Natureza do vocábulo*, a *Faixa etária*, o *Contexto fonológico subsequente* e o *Sexo*. Os grupos excluídos foram (nesta ordem de exclusão): *Tonicidade*, *Dimensão do vocábulo* e *Contexto fonológico precedente*. Na sequência, exibimos os resultados de cada variável considerada relevante e, a fim de deixar os nossos resultados mais claros, apresentaremos todos os exemplos de dados que tiveram até 15 ocorrências de glotalização, na amostra desta pesquisa. Importante pontuar que as rodadas foram feitas em função da variante glotalizada [h].

Com isso, pretendemos mostrar que, mesmo em amostra de linguagem tida como culta, a variante considerada não padrão também ocorre. Mais que isso, mostramos que o uso de uma ou de outra forma variante se dá de modo devidamente regular, ou seja, elas são condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos, na amostra desta pesquisa.

### 6.3 VARIÁVEL NATUREZA DO VOCÁBULO

Natureza do Vocábulo	Aplica/Total <sup>21</sup>	%	P.R. <sup>22</sup>	Exemplo
Vocábulo “/3/á”	100/388	25,8	<b>0,90</b>	[h]á
Vocábulo “a /3/ente” (=nós)	106/366	29,0	<b>0,86</b>	a [h]ente
Vocábulo “/3/ente” (=pessoa)	8/78	10,3	<b>0,83</b>	tem [h]ente
Vocábulo “se/3/a”	9/77	11,7	0,51	se[h]a
Nomes	41/884	4,6	0,24	igre[h]a
Vocábulo “ho/3/e”	11/159	6,9	0,20	o[h]e
Verbos	5/221	2,3	0,13	ima[h]ine

**Tabela 1:** Atuação da variável Natureza do vocábulo sobre a glotalização de /3/ na amostra

**Fonte:** Elaborada pelas autoras

<sup>21</sup> Aplica/Total = número de ocorrências de glotalização/número total de dados do fator na rodada.

<sup>22</sup> P.R. = Peso relativo.

De acordo com os dados da Tabela 1, os itens lexicais que se mostraram mais usuais na amostra – “[ʒ]á” e “a [ʒ]ente” (= “nós”) – são também os que mais favoreceram a variante glotalizada, corroborando, assim, a hipótese de que quanto mais usual for o vocábulo, maior será a chance de glotalização<sup>23</sup>. Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), o item lexical “[h]á” foi o mais usual, na amostra dos fortalezenses (amostra básica – 26,86%), e, também, na amostra de interação médico-paciente (88,88%). Já na amostra de interioranos cearenses (ALECE), o item mais usual foi “a [h]ente” (60,90%), que ficou em segundo lugar nessas outras duas amostras (respectivamente, 16,37% e 72,72%). Canovas (1991) também atribui a maior variação de /ʒ/, em Salvador-BA, à usualidade da expressão “a /ʒ/ente” (= “nós”). Na pesquisa de Pelicioli (2008), também em Salvador-BA, dos 99 casos de glotalização de /ʒ/ que o autor encontrou, 76 (77%) foram com o item “a [h]ente”, e 17 (17,2%) com “[h]á”.

A partir dos resultados que obtivemos, podemos corroborar os achados da pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), confirmando que “o foco da difusão do enfraquecimento tende a incidir mais sobre aqueles elementos do enunciado que só têm sentido relativamente à estrutura gramatical em que entram os morfemas gramaticais” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 79), neste caso, o item “/ʒ/á”.

O vocábulo “a /ʒ/ente” (“nós”), expressivamente favorecedor da glotalização (0,86), leva-nos a acreditar que ele se difunde lexicalmente para o vocábulo “/ʒ/ente” (“pessoa”), cuja cadeia sonora é muito semelhante. Seu peso relativo é tão expressivo quanto o do primeiro (0,83), embora “/ʒ/ente” (“pessoa”) tenha se mostrado bem menos usual nos dados coletados (8/78). Esse fato corrobora a Teoria da difusão lexical, para a qual “as mudanças<sup>24</sup> sonoras são vistas como sendo lexicalmente graduais [...]” (OLIVEIRA, 1992, p. 32). Cabe destacar, ainda, que Aguiar (1937) apontava o vocábulo “[h]ente” entre seus exemplos de ocorrência da variante glotalizada [h], e que ele chamou de velar e de faucal, no lugar de [ʒ]. Outra verificação importante é que o fato de o item “/ʒ/ente” (“pessoa”) ter se mostrado menos usual, porém favorecedor, conforme o pressuposto de Oliveira (1997, p. 45), confirma que “não são necessariamente as palavras mais frequentes aquelas que são mais atingidas por um processo fonológico [...]”.

Ainda sobre o vocábulo “/ʒ/ente” (= “pessoa”), verificamos que ele teve, em sua forma glotalizada (“[h]ente”), 4 ocorrências no inquérito 13 (Feminino, 51 anos em diante)<sup>25</sup>, uma no inquérito 44 (Masculino, 51 anos em diante) e 3 no inquérito 27 (Masculino, 22-35 anos). Com isso, a difusão lexical do item, na amostra estudada, ficou concentrada em apenas 3 dos 17 participantes sendo 62,5% (5/8) deles pertencentes à faixa etária mais avançada – fato que será mais bem esclarecido nos comentários acerca dos resultados obtidos para a variável *Faixa etária*.

O vocábulo “se[h]a”, com resultado neutro (0,51), apresentou 1 ocorrência, no inquérito 50 (Masculino, 22-35 anos); 1, no inquérito 06 (Feminino, 22-35 anos); 3, no inquérito 13; 2, no inquérito 27 e 1, no inquérito 20 (Feminino, 22-35 anos). A partir desse cenário, podemos dizer que esse vocábulo se difunde, na amostra desta pesquisa, de forma menos desequilibrada do que o anterior, embora não tenha apresentado nenhuma ocorrência glotalizada em indivíduos de faixa etária intermediária (36-50 anos). Com esse vocábulo, passamos a nos questionar: será que a glotalização de /ʒ/, em “se[h]a”, já não seria um caso de avanço do processo de difusão lexical para uma mudança sonora que teria se iniciado com o vocábulo usual “/ʒ/á”, cujo contexto fonológico subsequente é o mesmo: /a/<sup>26</sup>? Acreditamos que essa questão pode ser explorada em trabalhos futuros nos quais podemos tomar, novamente, como norte teórico não apenas a Sociolinguística variacionista, mas também a Teoria da difusão lexical (CHEN; WANG, 1975).

Por sua vez, o vocábulo “ho[h]e” teve uma ocorrência no inquérito 24 (Feminino, 51 anos em diante); 4, no inquérito 49 (Masculino, 51 anos em diante); 2, no inquérito 13; 1, no inquérito 15 (Masculino, 51 anos em diante); 2, no inquérito 44 e 1, no inquérito 27. Embora o item “ho[ʒ]e” tenha se mostrado bastante usual em toda a amostra, sua frequência e seu peso relativo não se mostraram relevantes, refutando, assim, a hipótese de que quanto mais usual for uma palavra, maior será a chance de ela enfraquecer. Observamos, ainda sobre o vocábulo “ho[h]e”, um desequilíbrio na distribuição dos dados na amostra, pois, embora 90,9% (10/11)

<sup>23</sup> Cf. Phillips (1984) e Roncarati e Uchoa (1988).

<sup>24</sup> Como será comprovado através dos dados, não há, no fenômeno que analisamos, um processo de mudança, mas sim de variação.

<sup>25</sup> Essas informações sociais sobre cada inquérito só serão dadas na primeira vez em que ele aparecer.

<sup>26</sup> Os resultados aqui expostos dizem respeito ao amalgamento que fizemos dos fonemas [a], [ə] e [ɐ], simbolizados apenas por /a/.

deles tenham ficado concentrados na faixa etária mais avançada (51 anos em diante), nenhum indivíduo da faixa etária intermediária (36-50 anos) fez uso da variante aspirada com esse item lexical.

As 5 ocorrências de glotalização para o fator *Verbos* são: “ima[h]ine” (Inq. 106 – Feminino, 22-35 anos), “exi[h]e” (Inq. 10 – Masculino, 36-50 anos), “ve[h]o” (Inq. 15), “ima[h]ino(u)” (Inq. 27) e “su(r)[h]iu” (Inq. 27). Pontuamos que esse fator, conforme a Tabela 1, inibiu a variante aspirada com P.R igual a (0,13).

#### 6.4 VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Aplica/Total	%	P.R.
51 anos em diante	145/789	18,4	<b>0,66</b>
22-35 anos	83/715	11,6	0,43
36-50 anos	52/669	7,8	0,39

**Tabela 2:** Atuação da Faixa etária sobre a glotalização de /ʒ/ na amostra

**Fonte:** Elaborada pelas autoras

Conforme os dados da Tabela 2, apenas a faixa etária de 51 anos em diante mostrou-se favorável à glotalização de /ʒ/. De acordo com os postulados da Sociolinguística, “o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que substituem gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos de faixas etárias mais velhas” (ARAÚJO, 2007, p. 395). Assim, surgiu o questionamento: teríamos um caso de variação estável ou o fato de essa variante ser utilizada predominantemente pela faixa etária mais avançada tenderia ao desaparecimento na comunidade de fala?

Para entendermos melhor esse resultado, seria necessária uma nova coleta com cerca de quinze anos depois (quando se formaria uma nova geração nessa mesma comunidade). No entanto, essa coleta, com informantes correspondendo a esse mesmo perfil de escolaridade adotado neste estudo, ainda não existe na comunidade de fala fortalezense<sup>27</sup>. O que se tem, cerca de treze anos depois (entre 2003-2006), são dados de fortalezenses sem ensino superior (Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR) (ARAÚJO, 2011). E, nesse banco de dados, a única pesquisa a respeito do fenômeno da glotalização ou aspiração envolve apenas a fricativa /v/ (RODRIGUES, 2013). Assim, apesar de todas essas ressalvas, comparando o resultado obtido nos dados do PORCUFORT a respeito da aspiração de /v/, em Rodrigues (2013), verifica-se que a aspiração permanece, mais de dez anos depois, em uso predominante na faixa etária mais avançada.

Ademais, já no ano de 1937, com Aguiar (1937), a variante glotalizada é vista como desprestigiada. Porém, seu uso permanece presente na comunidade de fala fortalezense e, atualmente, verificamos que ela ocorre mais frequentemente na faixa etária mais avançada. Ou seja, embora seja uma variante tida como desprestigiada socialmente, a forma aspirada [h] é favorecida justamente na fala de informantes tidos como mais conservadores pela Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]).

Diante disso, acreditamos que o fato de a forma variante menos prestigiada socialmente ser favorecida por informantes da faixa etária mais avançada da amostra desta pesquisa pode estar relacionada com o fato de os indivíduos que a favorecem já estarem fora do mercado de trabalho<sup>28</sup> e, de certa forma, mais isentos de avaliação social, tendendo, assim, a monitorar menos seu comportamento linguístico.

<sup>27</sup> Existe um projeto (PORCUFORT – fase II), a ser executado entre 2018 e 2021, coordenado pela profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo (docente do PosLA/UECE) que tem como base teórico-metodológica a Sociolinguística variacionista. Segundo a mentora do projeto, ele possibilitará descrever e analisar, em tempo real e em tempo aparente, fenômenos linguísticos nos diferentes níveis (do morfofonológico ao discursivo) da variedade tida como culta e falada em Fortaleza - CE, além de permitir a testagem e o desenvolvimento de teorias linguísticas, fornecendo condições para a formação de novos pesquisadores.

<sup>28</sup> Muitos já estavam aposentados na época em que os dados foram coletados.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), encontramos o inverso: a aspiração de /ʒ/ entre os fortalezenses seria favorecida apenas pelas crianças (0,67). Em Salvador-BA, Canovas (1991) constatou, também, que quanto maior a faixa etária, menor é o percentual de glotalização; já Pelicioli (2008)<sup>29</sup>, também a respeito da capital baiana, constatou que os informantes da faixa etária de 46 a 61 anos é que realizam mais a aspiração. Nesse sentido, os achados desta pesquisa, em relação à variante aspirada e a faixa etária dos informantes, se aproximam mais dos resultados de Pelicioli (2008).

### 6.5 VARIÁVEL CONTEXTO FONOLÓGICO SUBSEQUENTE

Cont. fonol. Subsequente	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[u]	15/59	25,4	<b>0,91</b>	está[h](i)u
[ũ]	1/32	3,1	<b>0,69</b>	Con[h]unto Ceará
[i]	22/281	7,8	<b>0,67</b>	cora[h]e(m)
[e]	3/91	3,3	<b>0,60</b>	su[h]e(i)to
/a/	115/600	19,2	<b>0,58</b>	igre[h]a
[ĩ]	2/62	3,2	<b>0,57</b>	ima[h]ine
[ɛ]	4/211	1,9	0,48	pro[h]eto
[ẽ]	1/44	2,3	0,48	fe(i)[h]ão
[ē]	116/565	20,5	0,45	in[h]enhe(i)ro
[ĩ]	1/228	0,4	0,12	corri[h]i(r)

**Tabela 3:** Atuação da variável Contexto fonológico subsequente sobre a glotalização de /ʒ/ na amostra

**Fonte:** Elaborada pelas autoras

Conforme os dados da Tabela 3, os segmentos sonoros [u], [ũ], [i], [e], /a/ e [ĩ] mostraram-se favorecedores da glotalização de /ʒ/. Destes, verificamos que metade (11) das ocorrências aspiradas diante de [r] correspondem ao item lexical “ho[h]e”. Dos 115 dados aspirados diante de /a/, 100 deles correspondem ao item lexical “[h]á”. Com isso, podemos perceber que esses resultados estão diretamente ligados à difusão lexical dos vocábulos usuais mencionados.

Já os demais fonemas favorecedores da regra de glotalização não estão ligados a nenhum dos vocábulos usuais que foram mencionados na variável *Natureza do vocábulo* (primeira variável selecionada pelo GoldVarb X). No entanto, percebemos que o segmento [u] apresentou 2 ocorrências de “está[h](i)u” (Inq. 106); 1 de “no[h]u” (Inq. 13); 1 de “ve[h]u” (Inq. 15); 1 de “bo[h]u” (Inq. 44); 6 de “colé[h](i)u” (Inq. 44) e 1 de “cole[h](i)uzinho” (Inq. 44). Apesar de estarmos analisando a variável *Contexto fonológico subsequente*, esse resultado continua corroborando o processo de difusão lexical, pois, embora menos usual na amostra (34 ocorrências aspiradas e de manutenção), o item “colé/ʒ/(i)o”, acontecendo com o mesmo informante, é que foi o responsável pelo resultado favorável à glotalização diante de [u].

<sup>29</sup> O autor não divulgou os números para as variáveis sociais.

Dos dados glotalizados diante de [e], 2 correspondem à palavra “su[h]eito” (Inq. 15 e Inq. 27) e 1 a “[h]eito” (Inq. 49 – Masculino, 51 anos em diante). Nesse caso, diferente dos outros, uma explicação possível<sup>30</sup> tem relação com o ambiente fonético favorável, com /ʒ/ antecedendo não apenas a vogal [e], mas o contexto correspondente a [-ejt[u]. As duas ocorrências aspiradas que encontramos diante de [i] foram “ima[h]ine” (Inq. 106) e “ima[h]ino(u)” (Inq. 27). Ou seja, temos, novamente, indícios de que é o item lexical, e não o ambiente fonético diante de [i], o responsável pelo resultado favorável ao fenômeno de glotalização.

Por fim, os 4 dados aspirados diante de [ɛ] são: pro[h]eto (Inq. 42 e 46 – ambos Masculinos, 36-50 anos), “Carlo(s) [h]eraldo” (Inq. 10) e “pro[h]eção” (Inq. 27). No entanto, esse contexto não se mostrou favorável à glotalização. Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), com a amostra composta apenas por fortalezenses, os resultados da variável *Contexto fonológico subsequente* ficaram diretamente ligados apenas à alta usualidade dos itens “/ʒ/á” e “/ʒ/ente”: diante de /a/, o índice foi de 0,82 (31/120); e diante de [ê], foi de 0,71 (17/102). No estudo de Alencar (2007), também com falantes fortalezenses, a glotalização de /ʒ/ é mais frequente com as vogais /a/ e /ê/, e, como exemplos, a autora cita: “[h]á” e “[h]ente”. Ou seja, embora a autora não tenha feito um estudo sobre a frequência dos itens lexicais, supõe-se que esse resultado também esteja corroborando o nosso e o de Roncarati e Uchoa (1988).

#### 6.6 VARIÁVEL SEXO

Sexo	Aplica/Total	%	P.R.
Masculino	142/1045	13,6	<b>0,59</b>
Feminino	138/1128	12,2	0,41

**Tabela 4:** Atuação da variável *Sexo* sobre a glotalização de /ʒ/ na amostra

**Fonte:** Elaborada pelas autoras

Como podemos observar nos dados da Tabela 4, o sexo masculino favoreceu a glotalização, com um relativo de 0,59. Dessa forma, temos um caso em que as mulheres tendem a rejeitar a variante não-padrão – no caso, a forma aspirada ([h]) de /ʒ/. Destacamos que esses resultados confirmam, portanto, nossas hipóteses iniciais para o comportamento da variável *Sexo*.

Para entendermos melhor esse comportamento, remetemos o pensamento de Bourdieu (1996) ao relacionar o comportamento social das mulheres à posição que elas ocupam na divisão do trabalho e à lógica do casamento. A partir disso, procuramos saber, através da ficha do informante, a renda e a posição social ocupada pelas mulheres da amostra em análise, visto que a literatura sociolinguística associa a rejeição das mulheres a variantes desprestigiadas socialmente ao fato de a posição social delas está menos assegurada do que a posição dos homens, fazendo com que elas tenham atitudes – inclusive de escolhas linguísticas – que não ameaçam sua aceitação social. No entanto, a ficha dos informantes do PORCUFORT fornece, a esse respeito, apenas a profissão de cada uma e de seus cônjuges (quando o tinham), o que não nos assegura, ao certo, essa posição social que as mulheres da amostra ocupavam na época das gravações.

Com essas informações, podemos fazer apenas algumas deduções<sup>31</sup> em relação à profissão e ao estado civil das informantes: as mulheres que apresentaram os maiores percentuais de glotalização – inquéritos 13 (49/194 = 25,3%) e 32 (30/191 = 15,7%) (ambos: Feminino, 51 em diante) – já estavam aposentadas e não dependiam economicamente de seus cônjuges. Inclusive, a participante do inquérito 13 era funcionária pública federal, e seu cônjuge também; a do inquérito 32 era professora e viúva – o marido era comerciante. A informante do inquérito 106 (Feminino, 22-35 anos) também apresentou um percentual de glotalização

<sup>30</sup> É importante salientar que essa consideração tem um caráter muito mais hipotético do que de um resultado conclusivo, visto que há ainda muito o que se investigar sobre esse contexto.

<sup>31</sup> Perfil das informantes da amostra em estudo, em relação à profissão e ao estado civil: a) faixa etária de 22-35 anos: Inq. 106 (8/62 = 12,9%) – comerciante, solteira; Inq. 06 (10/206 = 4,9%) – professora de escola particular, casada com um bancário; Inq. 20 (7/178 = 3,9%) – professora de escola pública, solteira; b) faixa etária de 36-50 anos: Inq. 12 (23/224 = 10,3%) – professora de escola pública, casada com um bancário; Inq. 09 (6/71 = 8,5%) – professora de escola pública, solteira; c) faixa etária de 51 anos em diante: Inq. 13 (49/194 = 25,3%) – funcionária pública federal aposentada, casada com um funcionário público federal aposentado; Inq. 32 (30/191 = 15,7%) – professora aposentada, viúva de um comerciante; Inq. 24 (5/200 = 2,5%) – coordenadora de uma instituição pública estadual, solteira.

relativamente alto ( $8/62 = 12,9\%$ ), se comparado às demais informantes de sua faixa etária. A profissão dela era de comerciante, e ela era solteira – ou seja, ela também não dependia economicamente de um cônjuge. Portanto, esses fatos tendem a mostrar que essas três participantes tinham tanto uma posição quanto uma aceitação social asseguradas, o que refletiu nas atitudes delas em direção ao uso de uma fala menos monitorada e de uma variante não-padrão.

Por outro lado, as demais informantes inibiram ainda mais a variante aspirada. Excetuando-se a do inquirido 24 (Feminino, 51 em diante), as outras quatro eram professoras do ensino básico, sendo duas delas casadas com bancários, e as outras duas, solteiras. Historicamente, a profissão de professor é desvalorizada econômica e socialmente, ao mesmo tempo, da profissão de professor é exigido um nível superior de escolaridade, fato geralmente associado ao uso monitorado da fala e a uma conseqüente predominância de uma variante linguística prestigiada – nesse caso, a manutenção de [ʒ], e não a forma aspirada [h]. Provavelmente, por esse motivo, unindo-se ao fato de essas informantes estarem economicamente ativas no mercado de trabalho, elas procuraram inibir a variante aspirada.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), na amostra de informantes fortalezenses, o índice de enfraquecimento de /ʒ/ também foi maior entre os homens (0,63). Já em Salvador-BA, Pelicioli (2008) constatou que foram as mulheres que mais favoreceram a regra.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista e da Teoria da difusão lexical, o comportamento variável da fricativa alveopalatal sonora /ʒ/ em início de sílaba, a partir de uma amostra de linguagem falada culta de Fortaleza. A partir disso, procuramos lançar luz aos seguintes questionamentos: (a) Qual é a variante mais usada na amostra deste estudo? (b) Quais fatores intralinguísticos favorecem o comportamento variável da fricativa /ʒ/, no contexto desta pesquisa? (c) Quais fatores extralinguísticos favorecem o comportamento variável da fricativa /ʒ/, na amostra deste trabalho?

Sobre o primeiro questionamento, a amostra de linguagem falada construída a partir de 18 inquiridos do tipo DID extraídos do Projeto PORCUFORT nos mostrou que a manutenção da variante [ʒ] prevalece em 87,1% dos casos, enquanto a variante glotalizada [h] compreende 12,9% das ocorrências do fenômeno variável estudado aqui. Ou seja, com esses resultados verificamos que, na amostra de fala construída para esta pesquisa, a manutenção de [ʒ] é a variante mais usada na amostra de linguagem culta da capital cearense.

No que concerne o segundo questionamento desta pesquisa (quais fatores intralinguísticos favorecem o comportamento variável da fricativa /ʒ/ no contexto deste estudo?) verificamos que os resultados obtidos foram influenciados essencialmente pela difusão lexical de Vocábulos Usuais, principalmente por “/ʒ/á”, “a /ʒ/ente” (= “nós”), “/ʒ/ente” (= “pessoa”) e “se/ʒ/a”. As variáveis intralinguísticas pertinentes e nessa mesma ordem de relevância foram: *Natureza do vocábulo* e *Contexto fonológico subsequente*. Sobre a primeira, constatamos que os fatores Vocábulo “/ʒ/á” (0,90), Vocábulo “a /ʒ/ente” (=nós) (0,86) e Vocábulo “/ʒ/ente” (=pessoa) (0,83) favorecem a glotalização de [h], enquanto os fatores: Nomes (0,24), Vocábulo “ho/ʒ/e” (0,20) e Verbos (0,13) beneficiam o uso da manutenção da variante [ʒ]. Já com o controle da variável *Contexto fonológico subsequente*, descobrimos que são favoráveis à variante glotalizada [h] os contextos que compreendem os seguintes segmentos: [ʊ] (0,91); [ũ] (0,69); [i] (0,67); [e] (0,60); /a/ (0,58) e [ĩ] (0,57). Em sentido oposto, os contextos: [e] (0,48); [ẽ] (0,48); [ẽ] (0,45) e [i] (0,12) são aliados da manutenção da variante [ʒ].

Quanto ao terceiro e último questionamento (quais fatores extralinguísticos favorecem o comportamento variável da fricativa /ʒ/ na amostra desta pesquisa?) constatamos que são o *Sexo* e a *Faixa etária* dos informantes. Com a variável *Sexo*, verificamos que os homens (0,59) favorecem a variante glotalizada [h], enquanto as mulheres (0,41) beneficiam a manutenção [ʒ]. Sobre a *Faixa etária*, constatamos que os informantes da faixa 51 anos em diante, isto é, os mais velhos da amostra são aliados da variante glotalizada (0,66). Em contrapartida, os informantes das faixas 22-35 anos (0,43) e 36-50 anos (0,39) favorecem a manutenção de [ʒ].



Com esses resultados concluímos que, em amostra de linguagem culta da capital cearense, as variantes [h] e [ʒ] coexistem, sem indícios de mudança em curso. De igual modo, vemos que tanto uma como outra forma variante não ocorre de modo aleatório, mas sim por meio da influência de fatores internos e externos ao sistema linguístico, conforme os postulados da Sociolinguística 6559ariacionistas. Os achados desta pesquisa vêm, portanto, contribuir com o apurado retrato sociolinguístico acerca da realidade do PB que, aliás, é construído desde a década de 1970. Evidentemente, o estudo do comportamento variável da fricativa alveopalatal sonora /ʒ/ em início de sílaba a partir de amostra de linguagem culta falada na capital do estado do Ceará não se encerra aqui, e a possível análise em tempo real do fenômeno em pauta, por exemplo, certamente abre espaço para a realização de um estudo futuro.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, CE, v. 1, n. 51, p. 271-307. 1937.
- ALENCAR, M. S. M. de. *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /r̃/*. 2007. 184 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. In: RIBEIRO, S.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (org.). *Dos sons às Palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 187-200.
- ARAÚJO, A. A. de. *A monotongação na norma culta de Fortaleza*. 2000. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.
- ARAÚJO, A. A. de. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro, RJ. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro, RJ: CiFEFiL, 2011, v. 15, n. 5, t. 1, p. 835-845.
- ARAÚJO, L. E. S. A variável *faixa etária* em estudos sociolinguísticos. *Revista de Estudos Linguísticos*, n. 35, v. 1, p. 389-398, 2007.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- CANOVAS, M. I. F. *Varição fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba, na fala de Salvador*. 1991. 168 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1991.
- CHEN, M. Y.; WANG, W. S-Y. Sound change: actuation and implementation. *Language*, Washington, DC, v.51, n. 2, p. 255-281, jun. 1975.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo, Editora Parábola, 2008.
- FARACO, C. A. ZILLES, Ana Maria. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 1., 2001, Fortaleza, *Anais...* Fortaleza, CE: Imprensa Universitária/UFC, 2001, p. 32-37. V. 1.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.

- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, Washington, DC, v. 57, n. 2, p. 267-308, jun. 1981.
- LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (org.). *Linguística da Norma*. São Paulo. Loyola, 2002. P. 63-90.
- MARQUES, S. M. O. *A produção variável do fonema /v/ em João Pessoa*. 2001. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004. P. 9-14.
- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004. P. 15-25.
- OLIVEIRA, M. A. de. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1, p. 31-41, jul./dez. 1992.
- OLIVEIRA, M. A. de. Reanalizando o processo de cancelamento do \* em final de sílaba. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, MG, v. 6, n. 2, p.31-58, jul./dez. 1997.
- PELICLIOLI, R. A aspiração de fricativas na fala de Salvador. In: CONGRESO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA DA AMÉRICA LATINA, 15., 2008, Montevideu. *Anais...*, Montevideu: ALFAL, p. 1-7, 2008.
- PHILLIPS, B. S. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, Washington, DC, v. 60, n. 2, p. 320-342, jun. 1984.
- PRETI, D. A propósito do conceito de discurso oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, Dino (org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999. P. 21-34.
- RONCARATI, C. N. Variação fonológica e morfossintática na fala cearense. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE, 17., 1999, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: UFC, 1999. P. 1-12.
- RONCARATI, C. N.; UCHOA, J. A. C. Enfraquecimento das fricativas sonoras. In: RONCARATI, C. N.; ALMEIDA, M. R.; ARAÚJO, M. F. *Projeto dialetos sociais cearenses*. Fortaleza: UFC, 1988. p. 1-100.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.
- SANTOS, G. dos. *O português afro-brasileiro de Helvécia: análise de <S> em coda silábica*. Salvador, 2012. 282 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001.
- RODRIGUES, A. G. P. *Ramo rê se rai dá certo: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza*. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

RODRIGUES, A. G. P. *Variação e atitudes linguísticas na realização de fricativas no falar de Fortaleza*. 2018. 283f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.



**Recebido em 31/07/2020. Aceito em 11/09/2020.**